O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 333

21 DE MARÇO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

D. NETTO

SUA MAGESTADE O IMPERADOR FREDERICO GUILHERME III, DA ALLEMANHA

(Segundo uma photographia de Alexandre Bassano, de Londres)

CHRONICA OCCIDENTAL

Quem guarda, acha, diz o proverbio.
E diz muito bem.
Se eu não tivesse guardado alguns assumptos na minha ultima chronica, não os acharia para a chronica de hoje, porque a doença que desde então me tem apoquentado, não me permittiu procurar outros assumptos.
O resto da minha chronica do dia 11, a parte que diz respeito á representação da *D. Branca*, já eu não a poude escrever, dictei-a do leito onde já me prendia a enfermidade impertinente, de que graças a Deus, e aos cuidados sollicitos d'um grande medico e ao mesmo tempo um dedicadissimo amigo, o dr. Korth, vou começando felizmente a arribar.
Desde esse dia até hoje, nunca mais peguei na penna, nunca mais abri um livro, e apenas hontem, domingo, aproveitando uma nesga de sol e uma rapida visão da primavera, dei um passeio por ahi fóra até ao Colyseu, que pela primeira vez vi, fazendo a minha parte no côro de gargalhadas com que os *babys* de Lisboa festejaram em *matinée*, as habilidades dos gatos sabios, da phoca intelligente e dos patos e perus do clown Pinta.
Comprehendem bem portanto o embaraço em que eu me encontraria agora, se não achasse o reforço guardado da minha ultima chronica: — a *Cossaca*, da Trindade, e a opera de Alfredo Keil, tendo de addiar fatalmente para a minha outra chronica, o grande acontecimento artistico da semana — a magistral creação de Luiz XI por João Rosa, — acontecimento a que não poude assistir.
E foi por tudo isto que me soube muito bem encontrar agora esses dois assumptos, apenas *effleurés*, na chronica passada.
Vamos pela sua ordem chronologica e comecemos pela *Cossaca*.

A *Cossaca* é uma d'aquellas operettas da Judic, feitas expressamente para ella, para os seus especialissimos recursos artisticos, talhada de molde a fazer valer todas as suas grandes qualidades d'actriz e de cantora excepcional de cançonetas excentricas, a *double sens*.
A Judic tem o seu reportorio especial como o teve em tempo a Dejazet.
A *Cossaca* é uma das peças mais festejadas d'esse reportorio, e sem ter tido nunca a grande nomeada da *Mam'zelle Nitouche*, da *Lili*, da *Niniche*, da *Femme à Papa*, figura logo na escala do *successo* atraz d'estes quatro *vaudevilles* celebres, e teve muito mais exito que a *Roussotte*, que a *Petite Mere*, que *Les noces à Nini*.
De todas as comedias-operettas de Hervé, a *Cossaca* é, como musica, uma das mais formosas do celebre maestrino francez.
Tem muitos *couplets*, todos elles bonitos, e ao passo que na *Lili* só sobresahem a canção provençal e o *duo* de *La Trompette*, que na *Nitouche* apenas se notam tres numeros verdadeiramente notaveis, o *Babet e Cadet*, *La grosse caisse* e a *Alleluia;* na *Cossaca*, os numeros graciosos abundam, como por exemplo, *a canção da espiga*, *os couplets da pata*, *os couplets da mulher perfeita*, *a lenda de Marfa*, *os couplets dos chapeus de chuva*, *os couplets da declaração de amor*, *a valsa* do ultimo acto, um sem numero d'elles.
Se a musica entretanto é das melhores das comedias-operettas da Judic, o poema da *Cossaca* em compensação, apesar de firmado por dois dos escriptores dramaticos mais illustres e espirituosos da França, Henri Meilhac e Albert Millaud, não é dos mais felizes.
Na *Cossaca*, mais do que em nenhuma das outras peças do reportorio da Judic, se vê a preoccupação unica da parte dos auctores, de fazer um papel para uma certa e determinada actriz.
O enredo da peça é quasi nenhum, a acção muito frouxa, mas no dialogo ha de vez em quando a graça imprevista, a fantasia extravagante de Millaud e de Meilhac, e d'ahi uns effeitos comicos de phrase com que se não contava na peça lida, e que fizeram a peça representada um verdadeiro *successo*.
Porque a verdade é esta: a *Cossaca* apesar de todos os seus defeitos, teve na Trindade um verdadeiro exito na primeira noite, exito que se traduziu por chamadas repetidas aos traductores do poema, chamadas que não estão muito nos habitos do publico d'aquelle theatro.
São raras na Trindade as peças em que os traductores são chamados, e a ultima de que nos lembra a que tal acontecesse, foi a *Mascotte* traduzida por Eduardo Garrido.
Ora a *Cossaca* não tem difficuldades de traducção, não é uma d'essas peças extremamente litterarias cuja versão constitue só por si um trabalho litterario de primeira ordem; n'este caso, a chamada aos traductores poderia significar o applauso do seu trabalho, independentemente do agrado, pouco ou muito, que a peça tivesse.
Mas na *Cossaca*, a chamada aos traductores, quiz dizer simplesmente — agrado da peça.
Esse exito surprehendeu-nos muito porque não contavamos com elle.
Tinhamos na peça certa confiança, mas nunca imaginámos que ella agradaria tanto como agradou, que posta em pé faria o effeito que fez.
E verdade que para esse effeito e para esse agrado contribuiram poderosamente com o seu bello talento dois artistas — Lucinda do Carmo e Cardoso Leoni.
Lucinda do Carmo, que dotada d'um dos mais formosos talentos que n'estes ultimos tempos tem desabrochado em scena portugueza, passou ha um anno do drama para a operetta, conquistando logo ahi o primeiro logar, fazendo com um *successo* colossal os grandes papeis da Judic, teve no papel da *Cossaca* uma das suas mais gloriosas creações.
Leoni, que tem um dos talentos comicos mais originaes, do nosso theatro, fez d'um papel do Dupuis uma creação comica de primeira ordem.
Dupuis não fazia nem interpetrava o papel assim; adaptava-o ao seu feitio; Leoni interpetra-o ao seu modo e é completo e magnifico n'essa interpetração.
Queiroz, Joaquim Silva e Ribeiro fazem excellentemente tres pequenos papeis, e do conjuncto do desempenho nasceu o *successo* duradouro, pois a *Cossaca* vae já no caminho da vigessima representação, figura todos os dias no cartaz da Trindade, e todos os dias dá boas receitas.

Do grande exito da *D. Branca* já nós fallámos rapidamente.
Não vimos a opera de Keil senão uma vez, na primeira noite, e ainda assim não a vimos toda.
Em consequencia do grande espectaculo que tem a opera, da enorme variedade de fatos, e das complicações de *mise-en-scène*, a *D. Branca* na primeira noite acabou de madrugada.
Nós assistimos a essa primeira representação já muito incommodados, com o principio da doença que depois nos obrigou uns dias a estar de cama, e até hoje nos tem detido em casa.
Só o grande desejo de assistir á *première* da opera de Alfredo Keil nos deu animo para nos arrastarmos até ao theatro, e ás duas horas da madrugada já não podiamos mais; sahimos de S. Carlos, quando justamente ia começar o ultimo acto.
D'esse acto — que nos dizem ser dos melhores — não ouvimos nem conhecemos inteiramente nada: entretanto conhecemos da opera o bastante para poder garantir que a *D. Branca* figurará entre as operas mais distinctas produzidas no nosso tempo. Esperamos ouvil-a mais vezes, para poder escrever d'ella mais detidamente.
Uma partitura de grande folego como é a de Alfredo Keil não se póde apreciar n'uma unica audição.
Por exemplo a symphonia pareceu-nos lindissima, mas do prologo pouco ou nada percebemos na primeira audição.
Dizem os entendidos que esse prologo é um dos mais notaveis trechos da opera, mas necessita ser ouvido mais vezes para se apreciar bem as suas bellezas.
O que logo na primeira audição, agrada immenso, o que mostra evidentemente o seu grande valor é o segundo acto.
N'esse acto tudo é bello, a começar pela grande aria da Theodorini. A serenata arabe que se lhe segue é d'um bello rythmo originalissimo, e o duetto de soprano e tenor que fecha o acto é verdadeiramente uma obra prima.
No primeiro acto, na praça de Burgos, ha um bailado muito bonito, e um concertante de grande effeito.
O acto do Paraizo, o terceiro, é de grandes complicações orchestraes, cujo effeito imponente se sente logo, mas cujas phrases não se destacam nem se comprehendem muito bem n'uma primeira audição.
N'esse acto ha muitos bailados, parecendo-nos o melhor o das *bayaderas*.
O scenario da *Dona Branca* é lindissimo e de grande effeito, magnifico o guarda-roupa, e na primeira noite falharam muitos effeitos de *mise-en-scene* pela má pratica usada em S. Carlos de nunca se fazerem ensaios com fatos e adereços. É realmente deploravel a falta de cuidado que no theatro de S. Carlos ha sempre com a *mise-en-scene* de todas as operas.
Sob esse ponto de vista o mais insignificante theatro de Lisboa leva grande vantagem ao primeiro theatro do paiz.
Basta ver o fiasco permanente que ha 15 annos faz em S. Carlos a ponte do segundo acto da *Dinorah*, para se vêr como no theatro lyrico se olha para estas coisas. Nunca essa maldita ponte cahiu a tempo, e sempre a contra-figura que representa a *Dinorah* caindo da ponte ao rio produz um extraordinario effeito de hilariedade.
Selvagens de suissas á ingleza, sacerdotes com barbas de estopa que parecem lenços amarrados aos queixos por causa de dores de dentes são o pão nosso quotidiano da comparsaria de S. Carlos.
Este anno nas recitas da Patti, notámos ainda dois factos vergonhosissimos, que denotam o nenhum caso que em S. Carlos se faz da *mise-en-scène*.
Na *Traviata*, os fidalgos que jogavam o *lasquenet*, creio eu, em que Alfredo ganha o dinheiro que depois atira ao regaço de Violeta, levavam os dedos á bocca antes de deitarem as cartas, como na taberna se joga a tradiccional bisca lambida; e no primeiro acto do *Crispin e a Comadre*, o tenor, o sr. Gennari, appareceu lendo n'um botequim de Veneza...o *Diario Popular!*
Se no Chalet da Alegria se fizesse d'isto o publico protestava immediatamente.
O desempenho da *Dona Branca* é positivamente maravilhoso por parte de Theodorini. Não se póde cantar com mais arte e com mais talento aquella difficilima musica.
Theodorini é uma das maiores artistas que tem atravessado o nosso palco.
O publico tem-n'a applaudido muito, mas ainda assim nunca a victoriou tanto como ella merece; e depois d'ella se ir embora, é que os espectadores de S. Carlos hão de saber bem quanto valia a Theodorini, e se hão de lembrar d'ella com saudade.
Francisco d'Andrade executou magistralmente o seu papel. Antonio d'Andrade não estava muito em voz na primeira noite, mas accentuou com o seu bello talento os traços geraes do seu personagem.
Figuet, Prandi e Meroles muito bem, e superior a todo o elogio a maneira brilhante como Mancinelli ensaiou e dirigiu a opera.
E agora até á proxima chronica, em que trataremos largamente da magistral creação de João Rosa no Luiz XI de Delavigne.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O IMPERADOR FREDERICO GUILHERME DA ALLEMANHA

Sobre o throno da Prussia de que a morte acaba de arrebatar Guilherme I, senta-se já o novo imperador da Allemanha, herdeiro da corôa de Carlos Magno, victoriosamente cinjida por seu pae em Versailles, quando fomegavam ainda os ultimos canhões do cerco de Paris.
Que ruidosas acclamações não echoaram então em roda do heroe de tantas batalhas, e que silencio e tristeza não cercam agora o novo imperador.
Á beira de um tumulo que se fecha sobre um cadaver, levanta-se, por um esforço sobrehumano, um enfermo, a quem só o cumprimento do dever e o afferro dos proprios direitos, dão força para se elevar ao throno de Frederico o Grande, a presidir aos destinos da Europa que toda o interroga.
E ainda bem que assim é, porque a coragem

d'esse enfermo é uma garantia para a paz da Europa e do seu paiz, a quem o excesso de militarismo absorve o melhor de suas receitas e de suas forças.

É isto o que transparece no manifesto que Frederico Guilherme acaba de dirigir ao povo allemão quando diz: «Farei, portanto, com que a Allemanha seja o appoio da paz. Cuidarei da prosperidade da Allemanha d'accordo com os estados federados e com os elementos constitucionaes.»

Este manifesto, em que parece não ter collaborado o principe Bismarck, foi bem recebido na Allemanha em geral e na Europa, não sendo este manifesto mais que a coroboração do que se tem dito sempre a respeito do espirito liberal do novo imperador.

E é justamente o espirito liberal de Frederico Guilherme que assusta o velho chanceller e todo o militarismo que o cerca porque, para Bismarck só a força dos seus Krupps e das suas bayonetas é que pódem dar á Allemanha a sua felicidade intima, o seu prestigio exterior. São modos de vêr, e tão apaixonado que levou Bismarck a dizer ha pouco no seu grande discurso pronunciado na camara: «que a Allemanha só tinha a temer a Deus» d'onde se deve inferir que, depois de Deus, a Allemanha, ou o que valia o mesmo dizer Bismarck.

O nobre chanceller só se esqueceu de uma coisa, e foi que o seu velho amigo imperador já tinha noventa annos e que a creatura é finita como todas as cousas do mundo.

Mas o dizer, esqueceu se, é um modo de fallar, porque afinal Bismarck vendo proximo um desenlace fatal para o imperador, sabendo o quanto o directo herdeiro de Guilherme I é adverso á sua politica, procurou no principe Guilherme Victor, seu partidario, um immediato successor ao throno da Prussia, esperançado que o enfermo de San-Remo abdicasse dos seus direitos em seu filho primogenito.

Mas continuam os esquecimentos, para assim lhe chamarmos, do sr. de Bismarck. O enfermo de San-Remo, não abdicou, e logo que o dever lhe impoz a necessidade de tomar o seu logar, pôz de parte os seus soffrimentos, e o vencedor de Wissemburgo e de Sedan, não hesitou um momento em partir. A patria chama-o, elle pertence-lhe, não lhe regateia os muitos ou poucos dias de vida que Deus lhe conceda.

Não ha nada mais sympathico e commovedor. Nada mais heroico e respeitavel.

Frederico Guilherme Nicolau, novo imperador da Allemanha nasceu a 18 de Outubro de 1831, filho primogenito do fallecido imperador Guilherme e da imperatriz Augusta.

A sua educação militar principiou-a ainda muito novo e por isso muito novo tambem subiu aos altos postos do exercito, onde a convivencia militar lhe grangeou as maiores sympathias entre os seus soldados.

Em 1857 fez a sua primeira viagem de instrucção pelo estrangeiro, visitando a Italia e a Inglaterra, onde teve occasião de conhecer pessoalmente a princeza Victoria, primeira filha da rainha da Grã-Bretanha, a qual lhe captivou o seu coração, pedindo-a elle mesmo em casamento, que veio a realisar-se um anno depois, em 1858.

Este casamento por verdadeira affeição, influio bastante no espirito do principe Frederico Guilherme, porque a princeza Victoria é muito intelligente, possuidora de uma vasta illustração, de um espirito abertamente liberal, acompanhando todas estas qualidades com um caracter energico e franco.

Filha, como dissemos, da rainha de Inglaterra e do principe Alberto de Saxe-Coburgo Gotha, a princeza Victoria Adelaide Maria Luiza é prima de El-rei D. Luiz. Nasceu a 21 de Novembro de 1840.

D'este casamento nasceram o principe Guilherme Victor, o actual Kronprinz e a princeza Luiza.

É em 1864 que principia a vida gloriosa do principe Frederico Guilherme, pela sua primeira campanha da Dinamarca, em que logo revelou os seus grandes dotes militares.

Quando dois annos depois rebentou a guerra entre a Prussia e a Austria, 1866, foi nomeado general em chefe do corpo de exercito de operações nas linhas de Oder. A victoria de Sadowa foi o termo d'esta campanha, onde obrou prodigios de valor. Seu pae reconheceu-lhe os serviços prestados, com a mais significativa distincção, tirando do seu proprio peito o collar da Ordem do Merito para o collocar em seu filho.

Era, porém, na guerra franco-prussiana que lhes estavam reservadas as suas maiores victorias, e foi um digno companheiro de seu pae e do grande Moltke, contribuindo largamente para o triumpho das armas prussianas.

A primeira victoria foi em Wissemburgo, onde á frente do terceiro corpo do exercito, marchou sobre aquella cidade e levou de vencida a divisão do exercito francez, na força de 80:000 homens, sob o commando do general Donay, fazendo 500 prisioneiros.

Esta sua primeira victoria n'aquella guerra não foi mais que um incentivo para novos commettimentos, e é assim que elle marcha sobre o exercito de Mac Mahon até Ingreviller illudindo o inimigo com esta marcha e conseguindo cobrir o flanco esquerdo do corpo principal do exercito prussiano, para que este podesse ter em cheque o exercito de Bazaine.

Depois mudando de estrategia, avança a marchas forçadas sobre Commercy, Bar-le-Duc e Vitry para alcançar a rectaguarda do exercito de Mac Mahon que marchava em direcção a Sédan.

Em Sédan tomou parte activa na grande batalha que se feriu entre os dias 30 de agosto e 2 de setembro de 1870, a qual terminou pela capitulação que deu a victoria á Prussia.

Foi depois d'esta memoravel batalha que Frederico Guilherme foi elevado ao mais alto posto do exercito, a feld-marechal, honra que tambem foi concedida a seu primo, o principe Frederico Carlos.

N'esta grande campanha, a mais notavel da sua vida, como a mais notavel da Allemanha moderna, o principe Frederico Guilherme revelou sempre o seu animo generoso a par do seu valor militar, e manifestava bem a elevação do seu espirito, quando censurou Moltke pela sua dureza e pouca generosidade para com o inimigo, n'estas memoraveis palavras:—o que fazeis, general, não é guerra á França, é guerra á civilisação.

Ha mais.

Entre as condições impostas á França para afirmação da paz, entrou, como é sabido, a encorporação para a Allemanha das provincias da Alsacia e da Lorena, e quando isto se discutia em conselho de generaes a que presidia o imperador e em que tomava parte principal Bismarck, o principe Frederico Guilherme rebelou-se fortemente contra este desmembramento da França, dizendo que elle seria o motivo de uma futura guerra, e um germen de odios levantados na fronteira dos dois paizes.

Vê-se n'isto que os triumphos alcançados não embriagavam o espirito do principe Frederico Guilherme, e que elle via serenamente atravez do fumo dos canhões mal apagados ainda.

O imperador fez calar seu filho, e Bismarck triumphou.

Hoje o velho imperador já não existe. Bismarck triumphará?

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

EM FAMILIA, QUADRO DE CONDEIXA,
MENDIGO, QUADRO DE CHRISTINO

A gravura que adorna a quarta pagina do presente numero do OCCIDENTE, é a cópia de um bello quadro do sr. E. Condeixa, que figurou na ultima esposição do «Grupo do Leão.»

Representa uma scena intima de familia, uma scena vulgar que, se não offerece novidade no imprevisto da composição, tem entretanto as qualidades de observação e estudado apreciaveis que constituem um bom quadro.

Este quadro pertence ao sr. dr. F. C. Barahona, um amador distincto, que tem adquirido varias obras d'arte de artistas portuguezes para a sua galeria d'arte.

O quadro «Mendigo» que reproduzimos na quinta pagina, é uma pequena tela do sr. Christino, em que apresenta um mendigo autentico, estudado do natural, nas suas visitas á Merciana, onde o pobre homem arrastava a sua indigencia e velhice, e dissemos arrastava, porque nos constou que elle já não existe.

Coitado, ao menos não morreu sem que a sua effigie tivesse as honras da posteridade, ficando fielmente perpetuada, não no marmore ou no bronze, mas na tela.

Este quadrinho foi adquirido na exposição pela ex.ª sr.ª marqueza de Fronteira.

INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE LOURENÇO MARQUES AO TRANSWAAL

A inauguração da primeira secção do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transwaal é o facto mais importante que acaba de ter logar n'aquella parte da nossa Africa Oriental, e é tão importante que fez apparecer de novo na imprensa ingleza a velha questão de Lourenço Marques, editando alguns artigos insidiosos contra o dominio portuguez em Lourenço Marques, chegando até a aconselhar o governo inglez a que por *vontade* ou *á força* nos esbulhasse d'aquelle dominio, a que tinhamos tanto direito como a Inglaterra.

A arbitragem de Mac Mahon, que fixou o limite do nosso dominio no 26°30' de latitude, confinando com os territorios dos Amatongas, era posta de parte, e portanto a sentença a favor de Portugal, acceita pelo governo inglez, seria por este rasgada e calcado o mais sagrado direito natural das gentes.

Ora o governo inglez não podia proceder por estes loucos conselhos, e por outra parte, na propria imprensa ingleza, se levantaram algumas vozes em favor de Portugal.

No parlamento, o conde de Onslow respondeu por parte do governo, ás perguntas formuladas pelo conde de Rosebery ácerca do caminho ferro de Lourenço Marques, nos perigos que elle trazia ao commercio inglez com o sul, e essa resposta diz que, com quanto o governo inglez não deixe de se preoccupar com o caminho de ferro de Lourenço Marques, não pensa entretanto em violencias, e mesmo considera que é o Cabo e o Natal que mais se devem importar com isso, por quanto a Inglaterra tem um tratado com o Transwaal que lhe garante ás mercadorias inglezas os mesmos direitos que as procedentes d'outros paizes, e concluiu por declarar que as colonias do Cabo e do Natal estavam estudando uma proposta de compra d'aquella via.

Por isto se vê quanto a Inglaterra se preoccupa com os nossos progressos coloniaes, e como a situação de Portugal é verdadeiramente excepcional no meio d'este joguete, em que ora o accusam da incuria e abandono a que tem votado as suas possessões africanas, tirando d'isso pretexto para nol-as usurparem, ora lhes parece que progredimos demasiadamente no nosso imperio africano, e que com isso vamos prejudicar as colonias visinhas pertencentes a outras nações.

A conclusão a tirar é que nunca devemos deixar de cumprir o nosso dever, para que antes nos invejem com razão, do que nos lamentem com hypocrisia. Um facto recente ainda vem reforçar o nosso dominio em Lourenço Marques: foi o reconhecimento da soberania de Portugal pela rainha dos Amatongas na parte do territorio comprehendido nos limites reconhecidos pela arbitragem de MacMahon. Este reconhecimento garante o nosso dominio em toda a bahia de Lourenço Marques e da ilha de Inhaca.

A inauguração da linha ferrea a que nos referimos é, pois, um grande passo dado nos melhoramentos materiaes de que as colonias portuguezas tanto precisam, e por isso cabe muito louvor a quem iniciou esse melhoramento.

O nosso caminho de ferro percorre a extenção de 22 milhas inglezas, desde a bahia de Delagoa até á fronteira do Transwaal, distante umas seis milhas d'esta, no que parece terá de haver ainda um augmento de 10 kilometros de linha, por não estar precisamente fixada a fronteira. Os jazigos de ouro de Baberton e de Kaap ficam á distancia de 130 milhas.

A companhia que construiu esta linha é a mesma que se propõe construir um ramal da fronteira portugueza a Pretoria com garantia do governo do Transwaal.

A inauguração teve logar em dezembro ultimo, e foi uma festa como ainda se não vira outra em Lourenço Marques.

Assistiram o governador geral de Moçambique, coronel Machado, governador de Lourenço Marques, major Araujo, inspector das forças coloniaes, o capitão Drummon o vice-consul inglez, director da companhia, Thomaz Tancrede, administrador Filippe Knee, mais auctoridades civis e militares e grande numero de convidados em que se viam muitos cavalheiros inglezes.

Depois de alguns discursos commemorativos do acto, em que se fizeram ruidosas manifestações de regosijo, foi servido um *lunch* de 400 talheres, á sombra de uma gigantesca arvore que

EM FAMILIA — Quadro de E. Condeixa, pertencente ao sr. dr. F. C. Barahona

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Benarus)

marca provisoriamente o *terminus* da linha nas margens do rio Komati.

Os trabalhos d'esta linha foram principiados em julho de 1887, e a mão d'obra e material é tudo inglez.

Vê-se, portanto, que a construcção não chegou a gastar seis mezes, o que é muito para notar n'um paiz africano, em que o rigor do clima torrido enfraquece as forças, e o operario não póde trabalhar com a actividade regular com que trabalha na Europa.

A nossa gravura representa a construcção da ponte sobre a vala que serve de escoante ao pantano que está junto a Lourenço Marques, e a cuja visinhança se deve o mau estado de salubridade d'aquella terra.

O NOVO CARRO PARA TRANSPORTE DE DOENTES E CONVALESCENTES MILITARES DA GUARNIÇÃO DE LISBOA

As nossas gravuras representam o novo carro destinado ao transporte de doentes e convalescentes militares.

O distincto cirurgião-mór o sr. dr. Guilherme José Ennes, sub-chefe da 6.ª repartição da direcção geral do ministerio da guerra, e um dos primeiros vultos da medicina castrense cujos trabalhos teem sido devidamente apreciados não só pelos governos que o teem encarregado de differentes commissões no estrangeiro, mas pelo publico que tem lido os seus apreciaveis relatorios e livros, entendeu modificar a viatura destinada ao transporte dos doentes e convalescentes militares e substituir o antigo char-a-bancs destinado a este fim.

Encontrou o talentoso facultativo um habil auxiliar no sr. Francisco Roiz d'Almeida, constructor com estabelecimento na rua das Janellas Verdes 46 e 48, que sob as convenientes indicações do sr. dr. Ennes concluio o novo carro.

É este do typo Rippert forrado de mogno polido sem estofo de qualidade alguma; tem dois bancos para cinco passageiros cada um, podendo um ser desarmado substituido por uma maca suspensa.

O carro tem no interior, deposito para agua com a sua torneira, pucaro, bacia para vomitos, escarradeira e bacia ordinaria que serve de urinol com escoadouro para a rua atravez do chão do carro, semelhando na sua disposição os lavatorios usados nos compartimentos de luxo dos caminhos de ferro.

A dimensão do eixo das rodas permitte-lhe gyrar sobre as calhas dos americanos, entrar e sahir d'ellas sem os incommodos balanços e movimentos sacudidos que se notam nos demais carros, o que é muito vantajoso para os doentes.

O carro tem duas lanças e balancins e é tirado por 3 animaes. As rodas teem os cubos de bronze como os já usados nas carretas das peças krupp.

Esta nova viatura comporta 20 pessoas — 1 cocheiro, quatro doentes no banco da plataforma da frente, 10 no interior, 1 enfermeiro e 4 pessoas em pé na plataforma detraz.

Folgâmos em registar mais este melhoramento do serviço sanitario do exercito, que se deve ao incansavel sub-chefe o sr. Guilherme José Ennes, que mais uma vez provou a sua competencia, muito zelo e esclarecida intelligencia nos assumptos que estão sob a sua direcção.

Oxalá o exemplo que nos dá o distincto e estudioso facultativo, seja imitado para que os demais serviços do exercito sejam melhorados tambem.

A. F.

7.ª EXPOSIÇAO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEAO»

MENDIGO — QUADRO DE J. R. CHRISTINO

ADQUIRIDO PELA EX.ma SR.a MARQUEZA DE FRONTEIRA (Desenho do mesmo auctor)

AFRICA PORTUGUEZA — CAMINHO DE FERRO DE LOURENÇO MARQUES AO TRANSWAAL, INAUGURADO EM DEZEMBRO DE 1887

(Segundo uma photographia de Mr. Lloyd de Durban)

PRISÃO DO INFANTE D. DUARTE[1]

XXXIX

Continuava D. Duarte no seu quartel de Leyphen, cidade anseatica no districto de Ulma, nos confins dos suissos, quando inesperadamente lhe chegou a noticia (enviada por um dos gazeteiros que pagava, sobretudo em Nuremberg, para o trazerem ao corrente dos acontecimentos politicos) de que Portugal se havia sublevado. No correio ordinario seguinte recebeu outro aviso, accrescentando que o duque de Bragança fôra proclamado rei. Ficou D. Duarte confuso e incredulo; e dizia: isto não póde ser; isto é maldade; o duque apaziguou o tumulto de Evora, occorrido ha poucos annos; será outro egual; mas o aviso repetiu-se quatro ou cinco vezes. Estes factos, segundo o seu testemunho, succederam pelos Reis de quarenta e um. Noé, seu criado, que o acompanhava, e merece todo o credito, diz que pelo Natal, o que vem a dar no mesmo.

Passaram-se dias, e, meiado o mez, estando no refeitorio do convento dos Capuchinhos de Kinsprug, pouco distante do seu quartel, onde fôra confessar-se, e dispondo-se para comer com elles, chegou de Ratisbona o tenente coronel de Redoan, o qual lhe contou, deante de D. Camillo Gonzaga, o que corria a respeito de Portugal, e mais que o ouvira em casa de D. Francisco de Mello, e que um dos plenipotenciarios do duque de Mecklemburgo lhe participara que o tinham mandado prender como cumplice na acclamação de seu irmão. Estas novas foram confirmadas no dia seguinte por cartas que recebeu de Augsburgo.

Posto suspendesse o seu juizo até aviso certo, o infante começou logo a meditar no que seria melhor fazer em tão graves circumstancias: se pôr-se em seguro, se ir a Ratisbona, para onde já tencionava partir, e sobre o que escrevera, algum tempo antes, a D. Francisco de Mello. O modo de se pôr em seguro era (a crermos o que depois disse a Navarro) passar, em duas jornadas, a Strasburgo ou aos suissos; d'ahi, escrever ao rei de Hespanha ou ao imperador, dando o motivo de se haver retirado; e, offerecendo-se ao seu serviço, ficar n'um d'aquelles paizes livres, até vir resposta de Filippe IV. Pareceu-lhe este o meio de maior segurança, porém não o de maior reputação, e por isso escolheu o de mais perigo e de mais honra, isto é, ir a Ratisbona, onde se achava a côrte imperial e D. Francisco de Mello, confiando na justiça d'elle e d'ella que não lhe fariam damno.

O que acabamos de expôr é insustentavel. Se o infante julgasse que devia fugir, e fugisse, não se aventuraria a fazel-o para ficar em Strasburgo ou na terra dos suissos, á espera da decisão d'aquelles soberanos; antes, temos como quasi certo que d'ali seguiria immediatamente para França, que lhe ficava proxima, onde se veria fóra de todos os riscos, por ser paiz inimigo de Hespanha e da casa d'Austria, e, portanto, nosso alliado natural, e d'onde se transportaria com facilidade a Lisboa.

Fr. Timotheo Seabra Pimentel, vae mais além na inverosimilhança, quando escreve: «Com os avisos que ali chegaram (a Ulma) da restauração, esteve o infante tão longe e alheio de faltar ainda á obrigação que não tinha, que foi ter com o imperador, para de sua ordem e conselho, fazer volta e jornada a este reino; mas o imperador o mandou prender, chegando a Ratisbona.» Esta opinião parece egualmente inadmissivel, e é de certo confusão com o pedido que o infante depois apresentou a D. Francisco de Mello, para o governo hespanhol o deixar vir a Portugal debellar a revolução, como dentro em pouco veremos, pedido que tambem faria a sua magestade cesarea.

Em vez de acreditarmos as escusas do infante, perguntamos: não fugiria elle, se soubesse o verdadeiro estado das coisas, se avaliasse bem a importancia da revolução, que collocára no throno o duque de Bragança? Levou-o ao passo tão contingente de se ir entregar nas mãos do imperador, só, como elle quer persuadir, a ideia de não ter culpa, que com effeito julgamos não tinha, quanto a tomar parte na obra activa da restauração portugueza, ou tambem, e mais do que tudo, essa ignorancia?

Responderão por nós o proprio infante e D. João IV. Não póde haver melhores depoimentos. Tratando das accusações que lhe faziam de haver conspirado para a liberdade da patria, escreveu o primeiro, passados alguns annos: «Saibam que os ministros de Castella me impoem mil falsos testemunhos para desculpar a minha prisão, sendo que fui tão infeliz, que não se me deu parte da restituição d'el-rei, nem houve quem se lembrasse de me advertir que me puzesse em seguro.» O segundo, nas instrucções que deu ao marquez de Niza, quando em quarenta e seis o tornou a mandar por embaixador a França, diz: «O rei de Castella quer imputar culpa ao infante, depois de quasi seis annos de preso, da resolução que eu e o reino tomámos de me restituir a esta corôa, sem nenhuma noticia do infante, pois se a tivera, se não havia de ficar em poder de seus inimigos, antes, livrando-se d'elle, havia de procurar vir defender o reino em que nasceu e servir-me na guerra, desembaraçando-se de outras, em que não lhe ia nada.»

Se pois D. Duarte houvesse recebido aviso certo e fidedigno dos successos de Portugal, no tempo conveniente, ter-se-hia posto em salvo, e a causa da independencia contal-o-hia entre os seus mais estrenuos defensores. Mas em logar d'isso, apenas nos principios de janeiro de quarenta e um, soube vagamente o que occorrera; e tanto, que nem o acreditou; e, quando pelo tenente coronel de Redoan, e por carta datada de Augsburgo, lhe veio confirmação do caso, mas ainda confuso e deturpado pelos inimigos, foi-lhe dada juntamente pelo mesmo tenente coronel, e deante de Camillo Gonzaga, a noticia de que o tinham mandado prender. Posto n'esta triste situação, vendo nos dois talvez dois espias, julgando que outros o saberiam, que outros o guardariam, que por toda a parte o procuravam, que partido lhe restava tomar? Ou fugir, aventurando-se a ser apanhado, e a ficar compromettido devéras, sem saber se a causa era d'isso merecedora, e se fazia com a fuga bem ou mal a seu paiz e a seu irmão, ou confiar na generosidade de Fernando III, que aliás avaliava por bastante duvidosa, pois, segundo as suas expressões, o soberano allemão e os seus ministros tomavam muito a peito os interesses de Hespanha, e tanto perigo era para elle estar em Vienna como em Madrid, porque a imperatriz e os ministros hespanhoes mandavam tudo.

Fosse qual fosse o motivo, o facto é que D. Duarte não mudou a tenção, que formara, de ir a Ratisbona, e partio para ali, do seu quartel, nos ultimos dias de janeiro, obtida licença do general Picolomini, com data de dezenove do dito mez; porém, tocando em Donawerth, recebeu uma carta de D. Luiz Gonzaga, na qual lhe mostrava desejos de assentar com elle alguns pontos relativos á sua tropa, então aquartelada; pelo que o esperou mais de um dia, tendo como certo que, por haver de marchar o exercito, e querer D. Luiz ir para Flandres, o chamavam em seu logar. Aportou D. Luiz a Donawerth; perguntou-lhe apenas se se dirigia a Ratisbona; e foram navegando durante todo o dia, sem se occuparem de nenhum negocio. A' noite, em terra, ceiaram juntos e despediram-se um do outro até ao dia seguinte, retirando-se D. Luiz. Algum tempo depois, pareceu ao infante, ouvir-lhe a voz na rua; chegou á janella, e viu-o passeando e fallando, ao passo que o conde de Glisiguieri, entrava muitas vezes no seu quarto, saindo logo sem motivo, nem dizer coisa de importancia; do que inferio, por conhecer os rumores de Portugal, e os intentos contra a sua pessoa, que o tinham debaixo de prisão. Na manhan seguinte perguntou a D. Luiz qual a causa do que acontecera a noite anterior e se o levavam preso; ao que elle respondeu intimando-lhe a ordem de sua magestade cesarea. Continuaram na viagem pelo Danubio; anoiteceu; desembarcaram; e o infante para forrar a D. Luiz o incommodo de lhe ficar de guarda na rua, obrigou-o com rogos a dormir no seu quarto. Ia D. Luiz acompanhado por um só creado, e o infante por trinta. Souberam estes ou suspeitaram o perigo que corria o amo, e alguns aconselharam-lhe que o lançasse ao rio, conselho a que o animo generoso do principe portuguez não deu nem podia dar ouvidos. No dia seguinte, quatro de fevereiro, fundearam em Ratisbona.

Chegou o infante ao caes ás três horas da tarde, em companhia de D. Luiz Gonzaga, e logo Navarro que o aguardava ahi, desde pouco depois do meio dia, por ordem de D. Francisco de Mello, entrou no barco, e, depois de o cumprimentar da parte do mesmo, lhe disse: que não podendo este vir ao seu encontro por alguns motivos de força, o mandára em seu logar; o que o infante agradeceu, posto friamente.

Desembarcados todos, o infante subio a um dos coches que D. Francisco enviára, com D. Luiz Gonzaga, o conde Glisiguieri, o capitão Miguel del Zerro, e Navarro, e, conversando em cousas ordinarias, foi apear-se á hospedaria chamada ou Lantsuter ou dos Três Morriões, onde os forriéis do imperador lhe haviam preparado alojamento o qual apenas consistia n'um quarto muito pequeno e pouco decente.

Entraram e permaneceram todos mudos, durante algum tempo; até que o infante rompeu o silencio, dizendo: que julgava ia apeiar-se a casa de D. Francisco de Mello, e que aquella habitação era extremamente incommoda e limitada. Em seguida deu ordem a um criado para que esperassem os coches, porque pretendia ir visital-o.

Então Navarro, conhecendo que não podia ficar por mais tempo silencioso, pois, se o fizesse, teria de resistir ao seu intento, pedio-lhe para se retirarem a um dos lados do quarto, e communicou-lhe em particular, conforme D. Francisco determinára, que o motivo de este o não ter ido esperar á chegada, nem o ter alojado em sua casa era a resolução do imperador de se assegurar da sua pessôa, por haver seu irmão, o duque de Bragança, tomado armas contra o rei de Hespanha, fazendo-se acclamar rei de Portugal, consentindo que lhe beijassem a mão, e despachando embaixadores a alguns soberanos; e que adoptava esta medida por temer que entre elle e o novo rei pudesse haver alguma communicação a respeito da revolta, o que não era difficil de presumir em vista do seu estreito parentesco. Dito isto, aconselhou-o a que supportasse similhante lance com animo e prudencia, como d'elle se devia esperar, porque, vendo-se que não tinha culpa, como era provavel, ganharia, e não perderia, em credito e commodidades. Aqui parece haver um erro de Navarro, quando já n'aquella data falla em Allemanha de terem sido nomeados embaixadores por D João IV ás nações estrangeiras; mas não é assim; porque, com effeito, logo a doze de dezembro o foram para Roma, França, Inglaterra, Hollanda e Catalunha, embora só partissem mais tarde.

Ouvio o infante com attenção a Navarro, e, dando um suspiro, respondeu: que Deus conhecia o fundo da sua alma e os seus pensamentos; que nunca suppozera que seu irmão commettesse tal erro; tanto que, noticiando-se-lhe, havia quinze dias, o acontecido, respondeu que não o acreditava, mas que, a ser verdade, estava certa a perdição da sua casa; e que, tendo determinado ir a Ratisbona, sobre o que escrevera a D. Francisco de Mello, apressou a viagem para se aconselhar com elle ácerca do seu modo de proceder, depois de tão inesperado accidente, do qual esperava sahir illeso, graças a Deus e á sua consciencia.

Acabadas estas palavas, despedio-se Navarro, dando o infante por delicadeza alguns passos fóra do aposento para o acompanhar e tornando logo a elle por Navarro lh'o rogar muito.

Escrevera D. Luiz Gonzaga n'esse dia ao imperador, quando ainda ia pelo Danubio, participando-lhe que chegaria a Ratisbona ás duas horas da tarde, e pedindo-lhe que lhe mandasse ao caes as suas ordens, antes de desembarcar. Chegou e não encontrou ordem alguma. Determinou portanto ir em pessoa requerel-as a sua magestade cesarea, para saber o que lhe cumpria fazer, e, a esse effeito, despedio-se do infante, juntamente com o doutor Navarro; mas o cauteloso secretario da imperatriz julgou mais prudente que elle não perdesse de vista o preso, e que mandasse dizer a sua magestade o que de viva voz desejava referir-lhe. Annuio D. Luiz e voltou ao aposento do infante, a que foi posta guarda de um alferes e alguns soldados, ao passo que Navarro partio para casa de D. Francisco de Mello, a dar-lhe conta de tudo quanto se passára.

D'esta conferencia resultou appovar inteiramente o ministro de Filippe IV o que fizera o seu emissario, e ordenar-lhe que procurasse maneira de D. Duarte melhorar de alojamento, ou na mesma hospedaria ou n'outra parte, o que Navarro executou, passando-o para dois quartos grandes d'ella, onde se conservou até partir de Ratisbona. As janellas d'esses dois quartos não eram muito seguras, e houve logo quem avisasse por escrito do perigo a D. Diogo de Saavedra Faxardo, embaixador da dieta de Ratisbona pelo circulo e casa de Borgonha, escritor hespanhol bem conhecido, outro espia e outro perseguidor do infante, o qual se apressou a communicar o bilhete que recebera a D. Francisco de Mello. Em resultado da denuncia, Navarro foi incumbido de adoptar as providencias necessarias, e, tendo o preso de ficar muito pouco

---

1 Fragmento da Historia do Infante D. Duarte, que devemos á extrema amabilidade do sr. Ramos Coelho, podermos publicar no *Occidente*. A importancia d'este trabalho, que a Academia Real das Sciencias acolheu com o maior interesse ordenando a sua impressão, só é comparavel á dedicação com que o auctor procurou fundamentar a historia do infeliz principe e para o que foi a Italia colher importantes documentos na bibliotheca de Milão.

R.

tempo n'aquelle logar, julgou-se bastante pôr guardas na rua, o que se executou.

(Continua) *J. Ramos Coelho.*

O JANTAR DE ANNOS

III

Interrupção geral no serviço do jantar. Os creados descançam em cima do aparador as peças que deviam seguir-se. D. Ricarda enchuga os olhos lagrimosos e pede ás visitas desculpa d'aquella imprevista contrariedade.

Silencio apenas cortado por alguns ditinhos em surdina.

—O papá, e se o sr. Fulgencio não encontrar quem esteja disposto a jantar comnosco? perguntava ao Barros uma das filhas.

—Era o que faltava! responde o papá da menina, acrescentando para si mentalmente: E o brinde que eu preparei para me render depois algumas libras.

—Mau! mau! segreda o velho Cesario á sobrinha. Cá principiam de volta commigo as ferroadas no estomago. Pois se eu mal cheguei a provar a sopa!

—Se nós adivinhassemos isto, não tinhamos sahido de casa, dizia o Silveira para a mulher.

—É verdade, responde esta. Poupava-se ao menos a despesa do trem em que viemos.

—E não estavamos perto das sete horas sem saber ainda quando jantaremos.

—Ah! mana Rufina, allega a viuva Abrunhosa, quem tem enguiços como a D. Ricarda não convida as amigas para taes scenas.

—Enguiços...enguiços...replica a mana Rufina, franzindo os beiços e abanando-se com o leque. Dessem-lhe agora mesmo treze contos de réis e veriamos se, por serem treze, ella deixava de os acceitar.

A este ponto dos segredinhos, em que os convidados mostravam o seu entranhado affecto aos donos da casa, sentiu-se uma forte campainhada.

—Quem será? perguntaram differentes vozes.

E a creada appareceu dizendo que era o sr. Cypriano Borges.

—Não se incommodem, não se incommodem, gritava ainda do corredor o recemchegado. Entre pessoas de amisade não ha cerimonias. Muito boas noites e muito bom proveito. Um seu creado, comadre... Mas agora reparo: onde está o Fulgencio?

—Anda em busca de um convidado para supprir a falta do compadre. Tambem não sei que me parece...Marca-se-lhe o jantar para as cinco horas e chega só perto das sete!

—Que quer, comadre? encontrei no Rocio uns pésinhos tentadores que pregavam commigo nas Amoreiras.

—Não ouçam, meninas...não ouçam!...vocifera Barros, fazendo gestos a Cypriano para que se cale.

—Olhem não vão os meus pésinhos ferir alli a castidade das meninas Barros, accudiu logo Cypriano sarcasticamente. Eu sei melhor o que se diz deante de senhoras do que outros sabem o que fazem longe d'ellas.

E o Barros percebendo o remoque ao seu vicio de jogador, poz-se a coçar a ponta do nariz com os olhos fitos no chão.

—Gabo-lhe a lembrança, objectou a viuva Abrunhosa; fazer-nos estar todo este tempo á espera por causa de uns pésinhos!

—V. Ex.ª fala assim, porque, em quanto a pés...não ha ingleza que lhe ganhe no tamanho.

—Ih! que mentira!...Eu que tenho os pés tão pequenos...pois não tenho, mana Rufina?

—Pequenos... continuou Cypriano sorrindo. Dentro de um dos seus sapatos podia ali o neto da D. Gertrudes atravessar o Tejo de banda a banda. Mas basta de dar á lingua...tratemos antes de dar aos queixos. Então, comadre, não me soccorre com um prato de sopa?

—Agora esperemos que volte o Fulgencio.

Outra campainhada veiu interromper a conversação.

—É elle, deve ser elle! disse a D. Ricarda satisfeita.

—Então fazem favor de entrar...

E o droguista, desenrollando do pescoço o *cache-nez*, introduzia na casa de jantar dois sujeitos aprumados e muito graves, mas que nenhum dos circumstantes conhecia.

—Custou-me a encontrar o que tu querias, Ricarda. No largo de S. Paulo as raras pessoas conhecidas a quem me dirigi respondiam-me que já tinham jantado, que não podiam perder tempo, que iam para o theatro... eu sei lá, diziam tudo de que se lembravam, mas regeitando sempre o meu convite. Encaminhei-me então para o Caes Sodré; a mesma historia!

Ninguem estava ainda por jantar depois das seis horas. Entrei no Café do Grego onde vi estes amigos tomando grogs de França e lendo o *Jornal do Commercio*. São os srs. Medeiros, Antonio e Vicente Medeiros, dois irmãos negociantes de cortiça e tão inseparaveis na cortiça como no resto das suas acções.

—Dois novos exemplares de Castor e Pallux, disse baixinho Cypriano para a mana Rufina que lhe ficava á ilharga.

—Esteja calado; não dê aos homemsinhos nomes de animaes.

—É verdade, proseguiu Fulgencio, são uns irmãos modelo, dois verdadeiros irmãos unidos.

—Mas que acceitam jantares em vez de os fornecerem para fóra, repetiu ainda Cypriano.

—Expuz-lhe o caso; disse-lhes que para destruir a conta embirrativa de treze pessoas a jantar, precisava de mais uma. Elles então, apreciando justamente o meu embaraço, accudiram cheios de benevolencia: O nosso jantar é sempre ás trez horas; mas a amizade impõe obrigações, impõe mesmo sacrificios e, para obsequiar o amigo Fulgencio, faremos hoje uma excepção aos nossos habitos. O que é preciso é que, em vez de um decimo quarto, o amigo Fulgencio tome dois decimos...

—Não tomes, não tomes, que a loteria de Madrid falha muitas vezes.

—Pela interrupção já devia suppôr que era o Cypriano. Chegaste a boas horas, meu valdevinos. Como ia dizendo: É preciso que, em vez de um decimo quarto conviva, o amigo tome dois decimos quartos. Bem sabe que nunca nos separamos: para onde vae um vae o outro.

Acceito, acceito, repliquei eu contentissimo. E aqui está a razão por que seremos, com os srs. Medeiros e o Cypriano, dezeseis á mesa em vez de treze.

D. Ricarda, sahida de um aperto, via-se repentinamente mettida n'outro. Dispozera a mesa para quatorze pessoas e não podia sem grande incommodo augmentar-lhe dois logares. Alem d'isso, precisava tirar do faqueiro mais talheres e do guarda-louça mais pratos e mais copos, operação que ella não costumava confiar aos creados.

Felizmente o mais velho dos manos Medeiros, reparando nas hesitações de D. Ricarda, teve uma idéa magnifica.

—Minha senhora, declamou elle pausadamente; se a nossa presença era ha pouco uma necessidade, seria agora um estorvo, e os Medeiros não gostam de servir de estorvo; não é verdade, mano Vicente?

Signal de acquiescencia por parte do Medeiros mais novo.

Fulgencio e D. Ricarda insistiram por delicadeza para que os manos siameses não sahissem.

—Que, já que tinham tido o incommodo de vir, se deixassem ficar.

Que, apertando-se todos um pouco, depressa se arranjariam dois logares.

Os fornecedores da materia prima das rolhas foram porém inabalaveis e, fazendo a todos um cumprimento cerimonioso, voltaram para o Café do Grego a tomar novos grogs de França e a ler outra vez o *Jornal do Commercio*.

Depois de se terem retirado os manos Medeiros, continuou o serviço do jantar, embora alguns dos pratos estivessem já meio frios.

—Antes de tudo reclamo energicamente o meu quinhão de sopa, exclamou Cypriano batendo com a colher na borda do prato.

—Deviamos condemnar-te a ficar sem sopa, retorquiu o droguista, para te punir da tua falta de pontualidade.

—Perdoar as offensas é proprio das almas grandes. Venha a sopa!

Mas—quem poderia prevel-o?—o estomago do velho Cesario resentira-se profundamente de tantas interrupções e quando elle ia a tirar para o prato um pedaço de peixe, começou a fazer-se pallido, a revirar os olhos e, se a sobrinha o não ampara tão depressa, teria cahido no chão.

—Ar! ar! abram as janellas! grita o droguista assustado.

—É inutil, replica a sobrinha do Cesario; quando o tio tem d'estas crises, só melhora deitando-se por um bocado. De que elle agora mais precisa é de repouso.

Os commensaes levantam-se arrastando as cadeiras e Fulgencio offerece a sua cama de casados para n'ella se deitar o velho Cesario.

Cypriano, mais desembaraçado, pega no velho ao collo e acarreta com elle para o quarto de Fulgencio. As senhoras tagarelam umas com as outras ácerca do caso e o neto de D. Gertrudes aproveita a confusão para encher as algibeiras de rebuçados de ovos e amendoas torradas.

Emfim, depois de bem acondicionado o enfermo e de ter a sobrinha repetido que aquillo não era cousa de gravidade, voltaram todos aos seus logares.

E então, para reanimar a festa, lembrou Cypriano a conveniencia de começarem as saudes. Ia elle a encetar a primeira, quando o Barros accudiu pressuroso:

—Perdão... eu desejava ter a primasia... Queria dedicar só duas palavras aqui ao amigo Fulgencio.

—Pois não... cedo lhe a vez de muito boa vontade.

—Meus senhores, minhas senhoras...

—A delicadeza mandava pôr as senhoras adeante.

—Cala-te, Cypriano! atacou o droguista, desejoso de ouvir a falla do Barros.

E o progenitor das meninas casadeiras, sustentando o copo na mão direita, principiou solemnemente:

—É sempre de grande jubilo o dia anniversario de um homem probo e trabalhador que, dando ao commercio a sua actividade, dá aos amigos o seu coração.

—Salta coração de Fulgencio com batatas!

—Ora Cypriano! isso é de mais!

—Deixe-o. As minhas intenções estão superiores a todos os epigrammas. Eu prosigo. Um homem com taes predicados, um homem que levantou a drogaria do seu paiz ás alturas de uma instituição, não devia ter a sua existencia medida pela craveira da especie humana. Não devia. Os annos que se contam pela rotação da terra são demasiadamente curtos para homens como Fulgencio. Os annos para Fulgencio deviam contar-se como os do planeta Saturno que equivalem a trinta dos nossos, deviam contar-se como os de Urano que equivalem a oitenta e quatro da terra, deviam...

—Basta de systema planetario, atalhou Cypriano; isso não é uma saude, é uma lição de astronomia.

Todas as imagens são permittidas quando se trata de exaltar um patricio tão benemerito.

—O meu amigo confunde-me, balbuciou o droguista commovido.

—Um patricio tão benemerito, repito. Brindo pois ao nobre caracter do nosso Amphytrião e ás egregias qualidades da sua digna consorte, essa virtuosa senhora que a Providencia lhe collocou sobre a estrada da vida...

—Para lhe dar pontos nas meias, concluiu baixinho a viuva Abrunhosa.

—Ao amigo Fulgencio, á sr.ª D. Ricarda, bradaram todos levantando os copos.

A saude do droguista foi seguida de outras muitas saudes que, alliviando as garrafas, tornavam os convivas pesados.

O Silveira chegára ao periodo da ternura.

Na sua febre de brindar todos, voltou-se para a viuva Abrunhosa e disse-lhe enternecido.

—Minha senhora... conheci bem seu marido... era um retrozeiro cheio de honestidade e de bom torçal. Brindo á saude do seu fallecido esposo!

—Brindar pelos mortos nunca vi, accentuou a viuva. Era melhor que brindasse pelo pobre do Cesario que ainda está lá dentro deitado.

Esta observação da Abrunhosa foi um raio de luz para a D. Ricarda que, reparando no logar vazio do velho Cesario, deu um grito afflictivo e cahiu para o lado sem sentidos.

A apprehensiva senhora, com a confusão provocada pelo deliquio do Cesario, não reparára que a sahida d'este reduzira o numero dos commensaes. Depois de tantas combinações, o jantar do droguista viera a realisar-se com treze pessoas á mesa!

—Estava escripto! exclama Fulgencio erguendo os braços para o tecto, emquanto as senhoras cercam de attenções a D. Ricarda.

—Pois deixa estar escripto, resmunga o Cypriano por entre os dentes. Isto de enguiços é uma historia... e lá sem café e cognac e que eu d'aqui me não levanto.

Pedro Vidoeira.

RESENHA NOTICIOSA

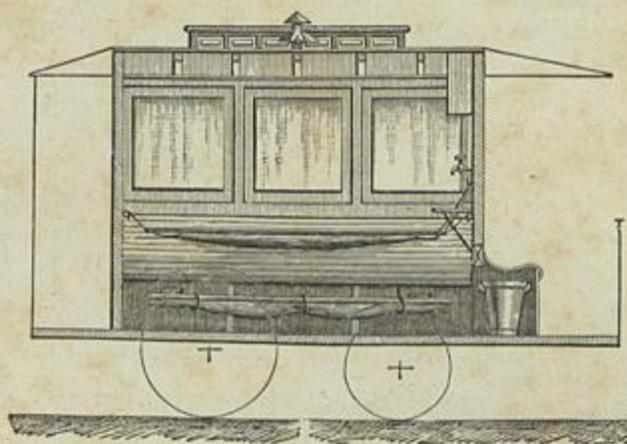
CAMILLO CASTELLO BRANCO. Casou no Porto, com a ex.ª sr.ª D. Anna Augusta Placida o illus-

tre romancista visconde de Correia Botelho, Camillo Castello Branco. Foi celebrante o sr. abbade de Santo Ildefonso, Moreira Freire, servindo de testemunhas os srs. Dr. Ricardo Jorge, conego Alves Mendes, Joaquim Ferreira Moutinho e João Antonio de Freitas Fortuna. Assistiram mais a este acto os srs. visconde de S. Miguel de Seide e dr. Vicente Urbino de Freitas e Antonio Dias Guilhermino. O casamento celebrou-se as 9 horas da noite de 9 do corrente. O eminente escriptor completou 62 annos no dia 16 do d'este mez.

Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim. Falleceu no dia 28 de fevereiro, em Coimbra, o sr. dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim, lente cathedratico da Faculdade de Direito. O fallecido era irmão do Visconde de Monte-São, que a morte tambem já arrebatou d'entre os vivos, e tio do sr. Conde de Valenças, que foi a Coimbra assistir-lhe aos ultimos momentos como seu sobrinho e discipulo extremecido que era. O dr. Antonio Jardim devia a alta posição que occupava no magisterio da Universidade ao seu grande trabalho e força de vontade, a par da intelligencia que o distinguia e que lhe permittiu formar a sua educação no meio das maiores difficuldades materiaes. Mas não era só isto que tornava o dr. Antonio Jardim respeitavel e bemquisto, tinha um thesouro inesgotavel de bondade no seu coração bem formado. Nunca elle viu aflição ou desgraça a que não accudisse. Nunca soube de aspirações justas que não animasse e protejesse. E todos estes rasgos do seu coração bom, praticava-os sempre com a mais christã caridade que se occulta, que foge ao reconhecimento do beneficiado, que procura fazer o bem, emfim, só pelo amor do proprio bem, como satisfação da propria consciencia. Esperamos occupar-nos mais de espaço d'este benemerito e das suas obras, e então daremos algumas notas biographicas, para o que nos falta agora o espaço. Entretanto receba a illustre familia do finado as expressões do nosso pezar.

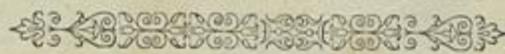
Fallecimento. Surprehendeu-nos a triste noticia da morte do distincto engenheiro sr. Miguel Carlos Correia Paes, que por algumas vezes honrou as columnas do Occidente com os seus escriptos. Era o sr. Miguel Paes um distincto ornamento da engenharia portugueza e um sincero patriota, que se enthusiasmava, sobre tudo pelo engrandecimento da sua formosa Lisboa. Deixou dois grossos volumes em que reuniu tudo quanto tinha publicado na imprensa, principalmente no *Diario de Noticias*, a respeito dos melhoramentos de Lisboa e seu porto, e que representa um trabalho importante de estudo da nossa capital, apresentando projectos grandiosos, que a muitos pareceram impossiveis de realisar, mas dos quaes uma boa parte já se tem posto em pratica. Era isto a maior satisfação para Miguel Paes, e com que alegria via elle reconhecer a utilidade de alguns dos seus projectos, dizendo contente: «Ahi estão as minhas utupias realisadas, que me dizem agora?» E sempre alegre continuava nos seus trabalhos constantes com o vigor de um rapaz, com o enthusiasmo de um crente, e com a mais inconcusa probidade e honradez que elle presava no mais elevado grau. Funccionario intelligente e zeloso, occupou por muitos annos o importante cargo de director technico dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, e da sua estada alli deixou boa memoria na organisação das officinas, onde conseguiu se fabricasse tudo quanto era preciso para o material d'aquella via ferrea, e ainda na construcção da magnifica estação principal no Barreiro, obra que foi por muito tempo reputada impossivel de construir n'aquelle local, mas que elle teve a gloria de concluir ha poucos annos com grande proveito e economia para o paiz. O sr. Miguel Correia Paes assentou praça em caçadores no anno de 1842, contando 17 annos de idade. Foi promovido a alferes em 1851, a tenente em 1857, a capitão em 1868, a major em 1880 e a tenente coronel em 1881. Era cavalleiro de Aviz. Nasceu em 1825 e falleceu com 63 annos no dia 17 do corrente. Deixa viuva inconsolavel e pobre. É quasi sempre a herança do funcionario probo, que presa mais os interesse da patria que os seus proprios. O nosso pezame á sua familia.

SERVIÇO DE SAUDE DO EXERCITO

ASPECTO EXTERIOR DO CARRO

CORTE DE PERFIL

NOVO CARRO PARA TRANSPORTE DE DOENTES E CONVALESCENTES MILITARES DA GUARNIÇÃO DE LISBOA

Funeral do Imperador Guilherme. Depois da morte do imperador Guilherme o seu cadaver ficou no leito, coberto de rozas e velado por quatro sentinellas da Guarda Real. Foi embalsamado e n'essa occasião verificou-se que todas as viceras estavam sãs e apenas na bexiga existia um calculo do tamanho de uma pequena noz. Evidentemente o imperador tinha morrido de velho. Foi no dia 16 que se realisou o funeral. O corpo fôra depositado na cathedral onde esteve exposto ao publico, sendo enorme a concorrencia de povo que correu a vel-o, havendo até algumas victimas resultado de ferimentos e esmagações occorridas no meio da multidão que se agglomerava dentro e fóra da cathedral. O prestito seguio da cathedral a pé até ao cemiterio de Charlottemburgo, onde o imperador determinou que seria sepultado junto ao tumulo de sua mãe. Um reporter extrangeiro descreve assim o funeral do imperador: «Calcula-se em mais de meio milhão de almas as que occupam todo o espaço comprehendido entre a cathedral e Charlottemburgo, sem que tenha occorrido o mais ligeiro incidente desagradavel. A policia não teve de manter a ordem. O sentimento era geral. O dia estava frio, mas sem neve; o céo, coberto de nuvens, associava-se á tristeza popular. Á ceremonia na cathedral assistiram todos os membros da familia imperial, os soberanos e principes estrangeiros, os representantes especiaes das potencias, o corpo diplomatico, altos funccionarios e autoridades de Berlim e representantes das corporações mais principaes. Foi impossivel dar entrada a todos os convidados. A pratica religiosa foi feita pelo *pastor* Koefel, produziu grande commoção, especialmente na imperatriz Victoria que, ao terminar a pratica, caiu desmaiada. A imperatriz Augusta não assistiu ao funeral. Ficou no palacio, assistindo ao desfilar do cortejo, por detraz de uma vidraça, no segundo andar. Terminada a ceremonia no templo com a benção lançada pelo *pastor*, e dadas as salvas do estylo em honra do chefe supremo do exercito, o feretro foi levado por coroneis para o carro funebre. Abriam a marcha cinco esquadrões de cavallaria, sete batalhões de infanteria e quatro baterias. As musicas tocavam a marcha funebre de Beenthoven. Immediatamente atraz do feretro seguia o general Fae, chefe das guardas, levando o estandarte do imperio. Dez passos mais atraz ia o Kromprinz, isolado, vestido com o uniforme de general, e seguido pelo rei da Saxonia, levando á sua direita o da Belgica e á esquerda o da Roumania. O rei dos belgas ia coxeando e caminhava apoiando-se n'uma bengala. Em outra fila caminhava o czarewitch entre os principes de Galles e de Napoles, á direita, e o archiduque Redolpho e principe real da Suecia, á esquerda. Todos iam envoltos em fortes casacos forrados de pelles; só o kromprinz se não utilisou d'esta licença concedida pelo imperador. Quando o carro funerario chegou a Barizerplatz, em frente da Branddenburger, o cortejo parou e as musicas callaram-se. Ouviram-se então distinctamente os choros e os soluços de milhares de espectadores. Todos os olhos se fitam no alto da torre, em que, destacando-se no fundo negro de uma bandeira se leem estas palavras: *Guarde Deus o imperador*, ultima e derradeira despedida da Allemanha, tremulando a uma altura espantosa, e enviada ao finado monarcha. O desfilar do cortejo durou duas horas.»

Incendio no theatro Baquet. A ultima hora chega-nos a noticia de uma grande desgraça. O theatro Baquet, no Porto, foi devorado por um violento incendio esta noite. Na occasião do espectaculo pegou fogo nas gambiarras o qual communicando-se rapidamente ao scenario poz o theatro em chammas. Ha victimas a lamentar.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Gazeta dos Caminhos de Ferro, *Portugal e Hespanha* etc. Director L. de Mendonça e Costa, inspector chefe da repartição do trafego da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes. Lisboa N.º 1 do primeiro anno, 15 de Março de 1888. Esta gazeta vem prehencher uma verdadeira lacuna, pois é certo que não havia uma publicação d'esta especialidade, que tanto interessa ao commercio e ao movimento geral dos caminhos de ferro. São muitas as secções em que se divide e todas ellas do maior interesse, como podémos ajuizar pelo primeiro numero de que tratamos. O publico encontra na *Gazeta dos Caminhos de ferro* tudo quanto deseja saber a respeito de caminhos de ferro, incluindo as tarifas que successivamente se estão reformando, para o transporte de mercadorias entre as differentes estações que dia a dia vão augmentando com a abertura de novas linhas etc. Felicitamos o nosso distincto collaborador sr. Mendonça e Costa pela prestante publicação que acaba de emprehender.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa